

escravos, adquirindo sobre eles um direito de penhor, até que devolvessem o seu preço de resgate e o prolaboro do comerciante. Portanto, o comércio do negro pode continuar, desde que o comprador e vendedor saibam que estão apenas negociando o direito de penhor.

Da 4ª à 7ª parte da Obra, Manoel Ribeiro da Rocha trata das obrigações dos senhores, falando do sustento, da correção e da instrução. O negro deve ser instruído na Doutrina Cristã. Os senhores tem a obrigação de repartir o pão dos ensinamentos cristãos para extinguir nos escravos as relíquias da cegueira da infidelidade. Como é também o dever do escravo ser instruído sobre os bons costumes e os pecados. Ouvir missa nos domingos, observar os mandamentos, jejuar nos dias determinados, confissão dos pecados e rezar todos os dias.

Na última parte, Manoel Ribeiro da Rocha, fala da possibilidade de o Etíope ser libertado e isto pode acontecer de quatro modos: 1) O cativo paga a seu dono o preço de sua redenção. 2) O cativo serve os anos necessários para compensar o seu preço. 3) Com a morte do dono, que lhe fizer quita do tempo. 4) Com a morte do escravo.

Assim, podemos perceber que o autor escreveu um livro casuístico

para os comerciantes e senhores de escravos. Sua preocupação maior não era conquistar a liberdade dos escravos e nem a abolição do comércio de escravos. Mesmo que tenha autores que fizeram citações como se Manoel Ribeiro da Rocha fosse um defensor da liberdade para os negros.

É neste sentido a importância do esforço do professor Paulo Suess, em reeditar esta obra, porque coloca em nossas mãos seu verdadeiro conteúdo. E ainda enriquecendo-a com uma introdução, que ajuda ao leitor se situar na época e, portanto, a uma melhor compreensão de toda a obra.

Além disso, o **Etíope Resgatado** aparece num momento de descobrimento, conquista e cristianização das Américas, onde a escravidão ainda é realidade. Que todos os habitantes deste continente, marcado por uma história cheia de violência, opressão e morte, principalmente contra os nativos e africanos, que infelizmente continua até hoje, nos ajudem a encontrar caminhos para uma convivência civilizada, na qual todos possam ter condições dignas de vida. Que a busca de uma civilização do Amor, supere todas as distâncias, todo o racismo, e que se encontre uma sociedade justa e fraterna.

HISTORIA LIBERATIONIS: 500 ANOS DE HISTÓRIA DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA

Enrique Dussel, organizador,
São Paulo, Edições Paulinas-CEHILA, 1992.

"500 anos de História da Igreja na América Latina" foi o título que Edições Paulinas deu à publicação em português deste novo trabalho da CEHILA, que tem a colaboração de 23 autores de diferentes países da América e da Europa e que foi publicado em outras línguas como *Historia Liberationis*.

Tendo entre sua produção a extensa *Historia General de la Iglesia en América Latina*, a CEHILA quis contribuir com a divulgação da História da Igreja no continente, publicando um trabalho também geral e coletivo da História da Igreja na América Latina. Acreditando-se que por ser um só volume, será mais fácil sua aquisição e consulta. CEHILA entende que esta é uma História da Igreja que vai mais além do catolicismo incluindo a História do protestantismo. Também é uma história

que dá importância à presença dos pobres e dos marginalizados e não privilegia a instituição, como é costume. Atitude que é assumida também com respeito aos movimentos sociais e às coletividades como protagonistas centrais da História.

Por ter características de História Geral, entendida como uma história que assinala grandes tendências no comportamento de diversas coletividades, CEHILA redigiu este livro a partir de uma proposta de periodização. A História da Igreja no continente é dividida em três grandes épocas: a cristandade colonial (a partir de 1492), a Igreja no período da dependência neo-colonial (a partir de 1807), e a Igreja na crise do capitalismo periférico (desde 1959). Por sua vez cada uma destas épocas se divide em vários períodos.

A partir desta periodização, CEHILA examina nesta *Historia Liberationis*, a História da Igreja desde três perspectivas historiográficas: uma global, uma regional (por áreas geográficas) e uma perspectiva temática. Na perspectiva global, organizada em dez capítulos que cobrem os diversos períodos das três épocas, se introduz uma novidade: um artigo sobre as regiões ameríndias. A perspectiva regional se compõe de oito pequenas sínteses da História da Igreja em grandes áreas geográficas. Por último, a perspectiva temática se desenvolve através do estudo dos aspectos relevantes da História do Cristianismo no continente, como as Reduções do Paraguai, as Comunidades Eclesiais de Base, a experiência dos cristãos em Cuba e América Central e a Igreja na luta pelos Direitos Humanos. Este tipo de junção entre o global e o particular faz com que o livro tenha uma dinâmica onde as interpretações gerais que apontam para traços comuns sejam matizadas pelas circunstâncias específicas de tempos e países.

Este trabalho que representa um enorme esforço sintético em relação à *"Historia General"*, nos mostra também o perfil atual da CEHILA em termos metodológicos e de preocupações temáticas. Respeitos às novidades metodológicas, estas se manifestam nos trabalhos de Manuel Marzal *"A vida cotidiana nas +ndias"* e Jean Pierre Bastian *"O*

Protestantismo na América Latina"; mas, aparecem também nos trabalhos sobre a Igreja e a emancipação, a Igreja entre os hispanos dos Estados Unidos, a Igreja na Colômbia e na Venezuela, a Igreja no Peru, Equador e Bolívia e a Igreja no Cone Sul. Esta continuidade na preocupação metodológica nos permite pois, perceber uma tendência no trabalho atual da CEHILA. O mesmo sucede no caso das preocupações temáticas.

Manuel Marzal no seu texto, esforça-se por compreender o que chama de experiência religiosa fundante latino-americana e que identifica na devoção dos santos. Constrói assim uma tipologia do catolicismo latino-americano, apontando diversas funções que as diferentes formas de devoções aos santos estariam cumprindo. Marzal aqui, como outros autores deste livro, vai mais além da descrição do catolicismo popular, assinalando diversas formas de sua existência e apontando as funções que estes catolicismos e suas expressões de devoção têm cumprido em diferentes momentos.

Jean Pierre Bastian, tratando um tema diferente, aborda a difusão do protestantismo, a partir do que este pode ter representado para alguns setores da elite liberal do século XIX. Este mesmo deslocamento do espaço do estudo do protestantismo ao contexto no qual se desenvolve vai ser praticado pelo autor para o século XX. Ou-

tros autores como Ana Maria Greising e José Oscar Beozzo que estudam as relações entre a Igreja o Iluminismo e o Liberalismo, seguem o mesmo caminho de Bastian. Mudam o espaço do estudo das relações entre a Igreja e o Estado para o estudo das diversas e, às vezes, aparentemente contraditórias significações do capitalismo no século XVIII e XIX.

Entre as preocupações temáticas de CEHILA presentes neste livro estão: as religiões ameríndias, a resistência religiosa indígena, os limites da evangelização, as relações entre escravidão e religião, o ressurgimento da identidade afro-antilhana, os choques entre as influências impostas desde cima e desde fora e as respostas internas e da base, a situação dos cristãos perante o socialismo. Temas estes

onde se procura colocar em evidência as práticas, as devoções, as formas organizadas e os movimentos sociais dos cristãos e católicos do continente, sejam eles, indígenas, mestiços, negros, camponeses, trabalhadores urbanos, grupos de classe média.

O que tradicionalmente é entendido como História da Igreja, História das relações Igreja-Estado, fundação de dioceses, sucessão de bispos, ações de padres e religiosos, também está neste livro, abrindo espaço para a história de outros protagonistas, na sua maior parte leigos dos dois sexos e com pouca instrução, sempre deixados de lado das prioridades sociais e econômicas. Os pobres com o nome próprio que lhes confere cada momento histórico.